

Mártires, testemunhas da sinodalidade



Por: Rodolfo Ascanio Merchán*

Quando ouvimos as palavras “martírio” ou “mártir”, entendemos que elas se referem a pessoas que deram testemunho de sua fé até serem assassinadas. Essa morte se deve ao fato de terem seguido Jesus a ponto de se tornarem semelhantes a Ele e terem o mesmo destino que Ele.

Entendemos também que o assassinato de Jesus nos leva a nos perguntar, como fez Ignacio Ellacuría: *por que matam Jesus?* A resposta é ampla, mas podemos dizer de forma sinóptica que foi por causa de sua mensagem, palavras e ações.

Jesus morre por causa de sua mensagem e prática de justiça e misericórdia para com aqueles que sofrem, para com as vítimas da injustiça e do horror desumanizador do pecado. Jesus é retratado como o protótipo do mártir e, portanto, a vida dos mártires é identificada com a de Jesus. A resposta dele é histórica, embora tenha uma forte base teológica, espiritual e pastoral.

Entretanto, é importante perceber que a vida dos mártires, assim como a de Jesus, tem uma característica comum: o martírio não é possível sem a comunidade, e a comunidade não é possível sem a sinodalidade.

Escrevendo de El Salvador, não posso deixar de fazer essa leitura do martírio a partir de nosso santo, profeta e mártir Monsenhor Óscar Arnulfo Romero. São Romero é uma testemunha e um testemunho de uma fé vivida sinodalmente, mesmo que em sua época essa palavra não fosse muito usada, mas era vivida.

1. Sentir com a Igreja

Monsenhor Romero, nomeado bispo auxiliar de San Salvador em 1970, adotou o lema “Sentir com a Igreja” como guia para seu ministério. Esse lema reflete seu compromisso com os sofrimentos de seu povo e sua profunda conexão com a comunidade eclesial. Ele implica uma abordagem sinodal, em que a escuta e o acompanhamento aqueles que sofrem são fundamentais.

Romero viveu esse lema ao confrontar as autoridades políticas e as elites econômicas em defesa dos direitos dos oprimidos. Ele criticou abertamente a injustiça e defendeu a paz e a justiça social em El Salvador. Essa postura lhe trouxe tanto apoio popular quanto conflitos com outros membros do episcopado e do governo.

* Rodolfo Ascanio Merchán nasceu na Colômbia e vive em El Salvador. Ele é leigo, casado e tem um filho. É formado em teologia pela Pontifícia Universidade Javeriana em Bogotá (Colômbia) e tem mestrado em teologia latino-americana pela Universidade Centro-americana “José Simeón Cañas” em San Salvador - UCA (El Salvador). Atualmente, leciona no Departamento de Teologia e no Mestrado em Teologia Latino-Americana da UCA e é coordenador da Amerindia El Salvador.

1 Ellacuría, Ignacio. “Por qué muere Jesús y por qué le matan”, *Diakonia* 8 (1978) 65-75.

2. Com esse povo, não custa muito ser um bom pastor

A proximidade do Monsenhor Óscar Romero com o povo foi fundamental para seu ministério. Ele se sentiu acolhido e apoiado pela comunidade, que nunca o abandonou. Romero reconheceu a importância do povo de Deus quando disse que “o povo é meu profeta”, entendendo que em sua voz se manifesta a voz de Deus. Essa conexão o levou a escutar ativamente as preocupações e as necessidades de seu povo, aplicando constantemente uma abordagem sinodal.

Para preparar suas homilias dominicais, Romero se reunia com padres, freiras, comunidades e representantes de organizações populares, o que lhe permitia dar corpo e rosto às suas palavras. Dessa forma, o Povo de Deus se sentia identificado com sua mensagem, e suas reflexões eram validadas em sua caminhada como Igreja.

Em 1979, antes de escrever sua última carta pastoral, *Misión de la Iglesia en medio del país*, como parte do processo de escuta, ele enviou uma pesquisa às comunidades para descobrir sua experiência de fé. Ele admirou a “maturidade, a audácia, a opção preferencial pelos pobres, a riqueza de ideias que vocês me deram nessa consulta”, o que mostra a importância que ele atribuía à voz do povo como guia para a Igreja. Romero aprendeu a escutar seu povo, reconheceu sua sabedoria e viveu a sinodalidade em seu ministério com o povo.

Essa voz do povo não apenas o inspirou, mas também o comprometeu a ser a voz dos que não têm voz. Romero tornou-se um microfone autêntico para sua comunidade, caminhando

ao mesmo passo deles. Sua espiritualidade foi calibrada para estar em sintonia com o Espírito do povo de Deus, o que se refletiu em sua capacidade de ser afetado pelas experiências de dor e sofrimento de seu povo. Ele se permitiu ser carregado pela realidade, uma conexão que transformou sua maneira de ser Igreja, levando-o a um envolvimento mais profundo com a realidade.

3. Perseguição da Igreja, um sinal de sinodalidade

A perseguição e o martírio de Monsenhor Romero têm causas históricas profundas que o levaram e a toda a Igreja profética a experimentar o martírio. Para Romero, essa perseguição, embora dolorosa, era necessária, pois indicava que sua Igreja estava encarnada no mistério pascal de Jesus. Ele afirmou: “Alegrame, irmãos, que nossa Igreja seja perseguida precisamente por sua opção preferencial pelos pobres e por tentar encarnar-se no interesse dos pobres”. Além disso, ele advertiu que “uma Igreja que não sofre perseguição, mas desfruta dos privilégios e do apoio da terra, tenha medo! Ela não é a verdadeira Igreja de Jesus Cristo”.

A perseguição que Romero enfrentou simbolizava sua identificação com o povo, caminhando ao lado dele e lutando por suas causas. Em essência, ser um com o povo, ou seja, ser e sentir-se como o Povo de Deus.

4. Se eles me matarem, eu ressuscitarei no povo salvadorenho

Não podemos conceber a morte sem a ressurreição, caso contrário nossa fé seria em

2 Oscar Romero. *Homilia de 18 de novembro de 1979*. Esta e as seguintes citas de homilias são de Monsenhor Romero.

3 *Homilia*, 8 de julho de 1979.

4 Cf. Jon Sobrino. “*Monseñor Romero. Conversión y esperanza*”. RTL No. 80 (2010) 230.

5 *Homilia*, 6 de agosto de 1979.

6 *Homilia*, 15 de julho de 1979.

7 *Homilia*, 11 de março de 1979.

8 Frase atribuída a Monsenhor Romero, em entrevista com jornalista mexicano Calderón Salazar, duas semanas antes de morrer.

vão. Quando Romero diz: “se me matarem, ressuscitarei no povo salvadorenho”, ele quer dizer que o povo manteria seu legado, sua mensagem e sua luta vivos. Isso não se deve apenas ao fato de ele fazer parte da comunidade, nem de representá-la, mas porque ele compartilhava com eles os mesmos motivos de sua resistência contra a injustiça e a morte. Romero assumiu o sofrimento do povo, tornando-se sua voz e, ao fazer sua própria mensagem, o povo integra a ressurreição como um horizonte salvífico em suas esperanças.

Muitos mártires latino-americanos forjaram sua experiência de fé e sua práxis de libertação a partir de uma compreensão de seu ministério em uma Igreja constitutivamente sinodal. Seu martírio se originou em um profundo processo de escutar o povo, tornando-se um com ele e caminhando em seu meio. Seu martírio não pode ser entendido sem essa caminhada juntos como o Povo de Deus: mártires e povo, povo de mártires.